



LIVRO DE ROMANOS

COMENTÁRIOS DO CAPÍTULO 8



Pr. Lúcio Mauro Silva Lima



COMENTÁRIOS DO CAPÍTULO 8

Paulo passa para uma nova etapa da experiência cristã, ou seja, a vida no Espírito. No capítulo 7 não é encontrada nenhuma menção ao Espírito Santo, mas Ele ocupa o capítulo 8, descrevendo a vida vitoriosa e cheia de esperança vivida por aqueles que “não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito”, aqueles “que estão em Cristo Jesus”. Neste capítulo é descrito a experiência daqueles que foram inundados por um novo princípio que é a lei da vida - que é mais forte que a lei do pecado que neles habita, e os liberta da tirania dele.

8:1

“Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.”

A palavra *katakrima* não significa “condenação” como o oposto de justificação ou como a declaração judicial que alguém é culpado, mas a punição que se segue à sentença – em outras palavras, “os trabalhos forçados”. Não há razão por que aqueles que estão em Cristo Jesus, devam continuar fazendo trabalhos forçados penais, como se nunca tivessem sido perdoados e como se nunca tivessem sido libertados da prisão do pecado.

Em Cristo Jesus é a descrição que Paulo faz da nova ordem na qual os salvos são introduzidos pela fé em Cristo. A vida em comum no corpo de Cristo (o cristão é sepultado e ressuscitado em Cristo) é a vida da ressurreição de Cristo compartilhada com seu povo. Não são mais eles que vivem, mas Cristo vive neles.

A palavra agora (nun *nun*=neste tempo, o presente, agora) enfatiza que essa salvação, essa libertação dos trabalhos forçados do pecado, já é nossa se estamos em Cristo.

8:2

“Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte.”

É verdade que Paulo fez de tudo para ressaltar que a lei em si não é pecaminosa, mas também acrescentou que ela revela, provoca e condena o pecado. Assim, por mais que isso nos deixe um pouco chocados, a santa lei de Deus, pode sim ser chamada de a lei do pecado e da morte. Neste caso ser libertado da lei do pecado e da morte por meio de Cristo é não estar mais “debaixo da lei”, isto é, deixar de depender da lei, tanto para a justificação como a santificação.



O que é a lei do Espírito da vida? É o poder dominador e atuante do Espírito Santo de Deus ou Espírito de Cristo. O Espírito Santo é designado de Espírito da vida, porque o poder que exerce tem em vista a vida, distinguindo-se do poder do pecado, que visa à morte.

8:3

“Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado,”

Uma vez que Jesus utilizou uma linguagem judicial para indicar a destruição do poder do mundo e do príncipe das trevas (*“Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso”*[Jo 12.31]) e visto que o termo “condenação” (*katakrima*) é empregado aqui em alusão a obra de Cristo, temos base para concluir que a condenação do pecado na carne refere-se ao juízo judicial estabelecido sobre o poder do pecado, na cruz de nosso Senhor, Jesus Cristo. Entretanto a palavra condenar (*katakrima*), como já foi exposto no comentário do verso 1, é utilizada majoritariamente no Novo Testamento não somente com o sentido de declaração de culpa determinada na sentença mas também como a execução da sanção indicada no detalhamento da sentença, ou seja, Deus não somente declarou aquilo que o pecado de fato é, mas também pronunciou e EXECUTOU juízo contra o pecado.

Este significado EXECUTIVO da condenação provê o contraste apropriado àquilo que a lei não podia fazer. No sentido meramente DECLARATIVO, a lei podia condenar o pecado. Porém a lei não podia executar juízo contra o pecado, a ponto de destruir-lhe o poder. Entretanto, foi exatamente isso que Deus fez ao enviar seu Filho, em semelhança de carne pecaminosa.

“Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne...”A lei não podia nem justificar nem santificar. E por que não? Porque estava “enferma” (*asyenew astheneo*= ser fraco, débil, estar sem força, sem energia) pela carne, ou porque a natureza humana era fraca. Ou seja, a impotência da lei não é intrínseca; não reside nela mesma, mas em nós, em nossa “carne” (*sarx*), nossa natureza caída. Assim, pois, aquilo que a lei, enfraquecida pela carne, não conseguiu fazer, Deus o fez. Ele fez provisão tanto para nossa justificação como para nossa santificação. Primeiro Ele enviou seu Filho cujo sacrifício nos justificou da culpa do pecado; depois concedeu-nos seu Espírito, que habitando em nós, nos capacita a cumprirmos as exigências da lei. Assim Deus nos justifica por meio de Seu Filho e nos santifica pelo seu Espírito.



“...Em semelhança de carne pecaminosa...” Denota a total identificação do Senhor Jesus com a nossa humanidade sem a contaminação do pecado, ou sem “conhecer pecado”.

“...No tocante ao pecado...” É uma referência específica à natureza sacrificial da morte de Cristo pois a frase “no tocante ao pecado ($\pi \epsilon \rho \iota \alpha \mu \alpha \rho \tau \iota \alpha$ = *peri hamartia*)” é usualmente utilizada na Septuaginta para a palavra hebraica *hatta'ah* a qual significa oferta pelo pecado que consta em Levítico e Números.

8:4

“A fim de que o preceito da lei (*dikaiwma dikaioma*[singular]=o que foi estabelecido e ordenado pela lei, uma ordenança) se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.”

O requerimento (não requerimentos) da lei é a SANTIDADE (“*Eu sou o SENHOR, vosso Deus; portanto, vós vos consagrareis e sereis santos, porque eu sou santo...; Eu sou o SENHOR, que vos faço subir da terra do Egito, para que eu seja vosso Deus; portanto, vós sereis santos, porque eu sou santo; Fala a toda a congregação dos filhos de Israel e dize-lhes: Santos sereis, porque eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo; Portanto, santificai-vos e sede santos, pois eu sou o SENHOR, vosso Deus*”(Lv 11.44- 45;19.2;20.7). A Santidade cristã não consiste de penosa conformidade com preceitos particulares de um código externo de leis. É antes uma questão de o Espírito Santo produzir seu fruto na vida do crente. A lei prescrevia uma vida de santidade, mas era incapaz de produzir tal vida, porque o material humano no qual tinha de trabalhar era inadequado. Porém o que a lei foi impotente para fazer, Deus fez enviando o seu próprio Filho o qual entregou sua vida como oferta pelo pecado. O pecado não achou onde firmar os pés na vida de Jesus sendo vencido efetivamente em sua morte; e os frutos daquela vitória pertencem a todos os que estão nEle.

O que a lei exigia com vistas à conformidade com a vontade de Deus, realiza-se na vida daqueles que são guiados e dominados pelo o Espírito.

*“Trabalhar e correr me manda a lei, Contudo,
não me dá nem pés nem mãos.
Mas o evangelho me traz notícias melhores.
Convida-me a voar, e asas me dá.”*

“A graça foi dada para que se cumprisse a lei.”(Agostinho)



“...Que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito...” O contraste estabelecido entre carne e Espírito ressalta a mudança do PODER ORIENTADOR na vida do crente, ou seja, antes ele vivia debaixo do controle da carne e conseqüentemente de Satanás, mas agora é guiado pelo Espírito Santo de Deus.

8:5

“Porque os que se inclinam (wn on=são) para a carne cogitam (froneo phroneo=pensar, colocar a mente, fixar a mente) das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito.”

Cogitar “das coisas da carne” é ter as coisas da carne como objetos que absorvem o pensamento, os interesses, os afetos e os propósitos. Por igual modo, cogitar “das coisas do Espírito” significa ter “as coisas do Espírito” como objetos que absorvem os pensamentos, interesses, afetos e propósitos. Portanto a questão aqui colocada por Paulo é, o que na vida do crente mais lhe preocupa, o que efetivamente o move, lhe toma, em que se concentra, em que se dedica. Tudo isso é determinado por quem nós somos, se ainda estamos “na carne” ou se já estamos, pelo novo nascimento, “no Espírito”.

8:6

“Porque o pendor (fronhma phronema= os pensamentos, propósitos, mente) da carne dá para a morte (lit. é morte), mas o do Espírito, para a vida e paz (lit. é vida e paz).”

As pessoas que tem a mente dominada pela carne estão “mortas” espiritualmente ou mortas para Deus, ou seja, elas ignoram completamente as realidades espirituais, os interesses de Deus, a vontade de Deus e caminham a passos largos para a morte eterna. Entretanto os que têm a mente controlada pelo Espírito estão “vivos para Deus”, estão atentos para as realidades espirituais, são sedentos de Deus, interessados nos assuntos do reino e em função dessa comunhão com o Senhor desfrutam de PAZ, paz com Deus, paz com o próximo e paz consigo mesmas.

8:7

“Por isso, o pendor da carne é inimizado (ecyra echthra) contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar.”

A razão pela qual a “pendor (mente) da carne é morte” é porque esta é inimiga de Deus e cultiva, portanto, uma profunda animosidade contra Ele. Ela se



opõe totalmente ao seu nome, ao seu reino, a sua vontade, ao seu povo e a sua palavra, com também ao seu Filho, seu Espírito e sua glória. Em contraste com a mente regenerada, que no íntimo tem prazer na lei de Deus.

8:8

“Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus.”

Paulo expressamente declara que fazer qualquer coisa que evoque a aprovação e o prazer divinos constitui uma impossibilidade moral e psicológica para aqueles que estão na carne. Encontramos neste verso a doutrina da TOTAL INCAPACIDADE DO HOMEM NATURAL FAZER O QUE É AGRADÁVEL A DEUS, a qual faz parte de um ensino mais abrangente conhecido como doutrina da TOTAL DEPRAVAÇÃO DO HOMEM NATURAL. O verbo agradar (*aresko*) vem de uma raiz (*ar*) que significa encaixar, ou seja, qualquer coisa que o homem natural ou carnal possa vir a fazer nunca se encaixará na vontade de Deus, porque dentro dele existe um princípio dominante que é hostil a Deus, isto é, o pecado.

8:9

“Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.”

Este verso tem uma grande importância para a doutrina do Espírito Santo, pelo menos por duas razões. **Primeiro**, porque ele ensina que o que identifica o verdadeiro cristão é se ele é ou não possuído ou habitado pelo Espírito Santo. Ser habitado pelo pecado é a porção que cabe a todos os filhos de Adão; o privilégio dos filhos de Deus é que, já que neles habita o Espírito, Ele é que vai combater e subjugar o domínio do pecado. Como Jesus prometeu, “ele vive com vocês e estará com vocês (Jo 14.17)”. Por outro lado, se não temos em nós o Espírito de Cristo, definitivamente não pertencemos a Cristo, visto que somente o Espírito coloca os homens em viva relação com Cristo. Isto deixa muito claro que o dom do Espírito é uma benção de caráter inicial e universal, recebida assim que nos arrependemos e cremos em Jesus. É claro que a partir daí de acordo com a busca muitas outras manifestações do Espírito, mais ricas e variadas, assim como unções totalmente novas e diferenciadas para tarefas específicas ocorrerão. Mas essa experiência pessoal de se tornar habitação do Espírito é um privilégio de todo o crente desde o início, pois conhecer a Cristo e ter o Espírito são uma experiência única e inseparável.

Em **segundo** lugar, o verso 9 e também o 10 nos apresentam diversas expressões diferentes como sinônimos. Pois nos é ensinado que o “Espírito de



Deus” é também chamado de o “Espírito de Cristo” e que ter o Espírito de Cristo em nós é ter Cristo em nós.

8:10

“Mas se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça.”

Paulo expõe a doutrina de que o nosso corpo tornou-se mortal em virtude do pecado de Adão (Gn 3.19), ou que o pecado é a razão pela qual a morte invadiu o aspecto físico de nossos seres. Entretanto, o destino final de nosso corpo não é a morte, mas a ressurreição. Nossos corpos não foram ainda redimidos, mas o serão, e nós devemos aguardar com ansiedade por este evento escatológico. Mas como podemos ter certeza dessa ressurreição? Podemos estar seguros do cumprimento dessa promessa por causa da natureza do Espírito (não o nosso espírito, mas o de Cristo) que em nós habita. Ele não é apenas o “Espírito de vida”, mas também ESPÍRITO VIVIFICANTE (I Co 15.45).

8:11

“Se o Espírito daquele que dentre os mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dentre os mortos ressuscitou a Cristo Jesus vivificará também os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita.”

O fato da ressurreição de Cristo é apresentado como a garantia de que os crentes serão igualmente ressuscitados. Portanto se o Espírito se mostrou ativo na ressurreição de Cristo também se mostrará ativo na ressurreição dos crentes. Portanto a ressurreição de Cristo é o PENHOR e o PADRÃO da nossa ressurreição. Este texto expressa muito bem a doutrina bíblica acerca do corpo, muito diferente do pensamento grego que o via apenas como um estorvo, uma prisão ou “casulo da alma”. O ensino bíblico coloca o corpo do crente na posição de instrumento da alma destinado para a vida na glória, sem as limitações oriundas do pecado. O corpo ressurreto do crente tornar-se-á um veículo perfeito da personalidade redimida, o qual terá como modelo o corpo ressurreto de Cristo.

8:12

“De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne.”

Uma segunda consequência da habitação de Cristo em nós através do Espírito, já que a primeira foi a vida, é uma dívida ou obrigação. Que dívida é essa? Viver uma vida justa. Não temos obrigação alguma com a carne, para vivermos sujeitos a ela. Ela não tem mais o mínimo direito sobre nós. Nós não lhe devemos



nada. Pelo contrário nossa obrigação é com o Espírito, o compromisso de viver segundo a Sua vontade.

8:13

“Pois se viverdes segundo a carne, morrereis

(α) $\pi \theta \nu \eta / \sigma \kappa \omega$

$\alpha \pi \theta \tau \eta \nu \epsilon \sigma \kappa \theta 4$ =morte natural, sem intervenções ou causas externas);

mas, se pelo Espírito mortificardes ($\theta \alpha \nu \alpha \tau \theta / \omega$
 $\tau \eta \alpha \nu \alpha \tau \theta > \theta 4$ =morte decorrente da intervenção de outros, morte não natural) **as obras do corpo, vivereis,”**

Mortificação nem é masoquismo (alegrar-se no sofrimento auto- infligido) nem asceticismo (rejeitar e negar o fato de que tem um corpo e apetites corporais naturais). Pelo contrário, é o reconhecimento muito claro e consciente do mal como mal; o resultado de tal consciência é um repúdio decisivo e radical do mal. O significado do verbo traduzido por MORTIFICAR ($\theta \alpha \nu \alpha \tau \theta / \omega$
 $\tau \eta \alpha \nu \alpha \tau \theta > \theta 4$) significa “matar algo”, entregar alguém para ser morto, especialmente no caso de sentença de morte e sua execução.

Como se dá essa mortificação? Percebe-se de imediato que se trata de algo que nós temos de fazer, entretanto não sozinhos, mas no poder do Espírito. É o Espírito que nos concede o DESEJO, A DETERMINAÇÃO E A DISCIPLINA para rejeitar o mal. Não obstante, somos nós que temos de tomar a iniciativa de agir.

8:14

“Porque todos os que são guiados (α) $\leq \gamma \omega$ $\alpha > \gamma \theta 4$ = lit. levados) pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.”

Os que são dirigidos pelo Espírito são filhos ($\upsilon \iota \theta \theta / \phi \eta \upsilon \iota \theta > \sigma$ = descendência legítima) legítimos de Deus. Essa condição privilegiada tem relação direta com a obra do Espírito Santo. O Espírito Santo dá testemunho dessa filiação, mas, de que forma? Paulo expõe quatro provas. **A primeira**, presente neste verso, refere-se ao fato de o Espírito nos LEVAR (a tradução guiar não é a mais apropriada, pois o verbo *ago* como primeiro significado transmite a idéia de arrebatamento, força compulsiva, rendição a um impulso dominante e incontrolável [Em Lc 4.1 é o verbo utilizado para referir-se a ida de Jesus ao deserto para ser tentado. Além do que na passagem paralela, em Marcos 1.12-13, o verbo utilizado foi *ekballo*, que significa literalmente lançar ou atirar algo]) à santidade (o verso 14 está ligado ao 13 pela conjunção porque (*gar*). Aqui existe uma noção de santa violência; o Espírito arrasta o homem para onde a carne não se disporia a ir. A vida nova, rica e abundante que é desfrutada por aqueles que fazem morrer os seus atos



pecaminosos consiste justamente na experiência de se tornarem FILHOS DE DEUS. Portanto é totalmente errado a noção popularmente difundida da “paternidade universal de Deus”.

8:15

“Pois não recebestes o espírito de escravidão para outra vez estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai!”

A segunda prova da nossa filiação divina advinda da obra do Espírito refere-se à substituição do MEDO pela LIBERDADE em nossa relação com Deus. O termo adoção ($\upsilon\lambda\rho\theta\epsilon\sigma\iota/\alpha\ \eta\upsilon\lambda\omicron\tau\eta\epsilon\sigma\iota\% \alpha$) deve ser interpretado não em termos da nossa cultura contemporânea, mas no contexto da cultura greco-romana dos dias de Paulo. Nos dias de hoje a adoção poder um pouco artificial, mas nos dias da igreja primitiva (I século) um filho adotado era um filho DELIBERADAMENTE ESCOLHIDO, por seu pai adotivo para perpetuar seu nome e herdar sua propriedade; ele não era em nenhum sentido inferior a um filho nascido de modo natural. Paulo utiliza a figura da escravidão e da liberdade para acentuar o contraste entre as duas eras, a antiga e a nova. A escravidão do período anterior nos trazia temor especialmente de Deus como juiz; a liberdade da nova vida produz em nós intrepidez para nos aproximarmos de Deus como nosso Pai. Assim, tudo mudou, quem domina a nossa vida agora é a liberdade não o medo.

A terceira prova da nossa filiação divina, é o fato do Espírito nos levar a chamar Deus de Pai (*abba*). O fato de Paulo colocar lado a lado as palavras originais no aramaico (*abba*) e no grego (*pater*) para “pai” é considerado para alguns comentaristas desde Agostinho como símbolo da inclusão de judeus e gentios na família de Deus. *Abba* era uma palavra do dia-a-dia, uma palavra familiar caseira. Nenhum judeu ousaria dirigir-se a Deus dessa forma. Jesus sempre o fazia, em todas as suas orações que nos foram legadas com uma única exceção: o grito da cruz. Há boa base para supor também que quando o Senhor ensinou os seus discípulos a começarem suas orações com “Pai, santificado seja o teu nome”, a palavra que usou para “Pai” foi *Abba*.

Sobre *Abba, Pai* disse Lutero: “Esta é uma palavra tão pequenina, no entanto abrange todas as coisas...Ainda que eu seja oprimido pela angústia e terror por todo o lado, e pareça estar abandonado...contudo sou Teu filho, e Tu és meu Pai, por amor de Cristo: sou amado por causa do Amado”... Este assunto não se expressa com palavras, mas com gemidos, gemidos que não podem ser proferidos com palavras, pois nenhuma língua os pode expressar.

8:16



“O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.”

Para entendermos o pensamento deste versículo, precisamos retornar ao anterior. Neste, se faz referência à reação filial registrada no coração do próprio crente - “clamamos: *Abba, Pai*”, esta reação filial é o testemunho dado pela própria consciência do crente, em virtude da habitação do Espírito Santo na qualidade de Espírito de adoção. Agora no verso 16, Paulo fala a respeito do testemunho dado pelo próprio Espírito Santo. E esse testemunho é concebido como algo que opera juntamente ($\sigma \upsilon \mu \mu \alpha \rho \tau \upsilon \rho \epsilon / \omega \sigma \upsilon \mu \mu \alpha \rho \tau \upsilon \rho \epsilon > 04$ =testemunhar juntamente) com a consciência do próprio crente. Portanto o testemunho do Espírito deve ser distinguido do testemunho de nossa consciência (nosso espírito). O testemunho outorgado pelo Espírito consiste no fato de que somos filhos de Deus. Esse testemunho de filiação divina manifesta-se na certeza do grande amor que o Pai lhes proporciona e do cumprimento da impressionante promessa de herdarem as riquezas de Deus com Cristo.

8:17

“Se nós somos filhos, logo somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.”

As Escrituras enfatizam fortemente o princípio de que o sofrimento faz parte do caminho para a glória. Foi assim com o Senhor Jesus (“Não devia o Cristo sofrer estas coisas para entrar na sua glória?” Lc 24.26; Mc 8.31) e assim será para a comunidade messiânica. Pedro ensina isso tão claramente quanto Paulo: “Mas alegrem-se à medida que participam dos sofrimentos de Cristo, para que também quando a Sua glória for revelada, vocês exultem com grande alegria” I Pe 4.13.

A Essência do discipulado é a união com Cristo, e isto significa identificar-se com Ele tanto nos sofrimentos quanto em Sua glória.

8:18

“Para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada.”

Como Paulo expôs no verso anterior, sofrimento e glória são companheiros inseparáveis. Assim foi na experiência de Cristo, e assim será também na experiência do seu povo. Só depois de termos “sofrido por um pouco de tempo” é que nós entraremos “para a sua glória eterna”, para a qual ele nos chamou (I Pe 5.10). Portanto sofrimento e glória são um casal – não podem se divorciar. Eles são soldados um ao outro – não se pode separá-los.



O sofrimento e a glória caracterizam as DUAS ERAS. O contraste entre esta era e a que há de vir, e portanto entre o presente e o futuro, resume-se nos dois termos usados: *PATHEMATA* (sofrimentos) e *DOXA* (glória). Os “sofrimentos” incluem não apenas a oposição do mundo, mas também toda a nossa fragilidade humana, nossas limitações, tanto físicas como morais e que se deve a nossa condição provisória de “parcialmente” salvos. A GLÓRIA é o indizível ESPLENDOR de Deus, eterno, imortal e incorruptível. Um dia ela será revelada. Essa revelação no final dos tempos será feita a nós, pois nós a veremos EM NÓS (*eis hemas*), porque participaremos dela e seremos transformados por ela (II Ts 1.10). Nós confiamos que ela está reservada para nós, embora não saibamos exatamente “o que havemos de ser”, pois isso “ainda não se manifestou”(I Jo 3.2).

Os sofrimentos e a glória não podem ser comparados. *Considero* ($\lambda \omicron \gamma \iota / \xi \omicron \mu \alpha \iota$ =fazer um cálculo), escreve Paulo expressando uma firme convicção alcançada pelo pensamento racional com base no evangelho, “*que as aflições deste tempo de agora, não podem ser comparadas com a glória que EM NÓS (eis hemas) há de ser revelada.*” Sofrimento e glória são inseparáveis uma vez que o sofrimento é o caminho para a glória; porém não são comparáveis. Precisa ser contrastados, não comparados. Em uma carta anterior Paulo avaliou os dois em termos de seu “peso” (II Co 4.17). Nossos sofrimentos presentes, declarou, são “leves e momentâneos”, mas a glória que há de vir é “eterna” e “pesa mais do que todos eles”. A magnificência da glória de Deus há de sobrepujar em muito o incômodo de nossos sofrimentos.

8:19

**A ardente expectativa (α) $\pi \omicron \kappa \alpha \rho \alpha \delta \omicron \kappa \iota / \alpha$
 $\alpha \pi \omicron \kappa \alpha \rho \alpha \delta \omicron \kappa \iota / \% \alpha$ = lit. vigiar de cabeça erguida) da criação aguarda a
revelação dos filhos de Deus”**

O sofrimento e a glória têm a ver tanto com os filhos de Deus quanto com a criação de Deus. Aqui Paulo escreve a partir de uma perspectiva cósmica. Os sofrimentos e a glória da velha criação (ordem material) e da nova (o povo de Deus) são integralmente relacionados um com o outro. Agora uma e outra são marcadas pelo sofrimento e gemido; e ambas serão libertadas ao mesmo tempo. Assim como a natureza compartilhou a maldição (Gn 3.17) e agora participa da dor, assim também haverá de participar da glória. A palavra usada para “ardente expectativa” é *apokaradokia*, que deriva de *apo*, “de”, *kara*, “cabeça”, e *dokeo*, “procurar, vigiar”. Ela retrata alguém que espera “na ponta dos pés” ou “de pescoço esticado” para poder ver. E o que a criação está tentando ver é a revelação dos filhos de Deus, pois este será o sinal para a renovação de toda a criação. Portanto se a criação se mantém em ardente expectativa, os crentes



devem agir de modo semelhante, ultrapassando a própria criação. Os crentes ficam na “ponta dos pés” quando estão em constantes e ardentes momentos de oração, leitura da palavra, na comunhão do corpo, ou seja, quando se colocam em uma “posição” de onde podem observar melhor aquilo que Deus está fazendo.

8:20

“Pois a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa daquele que a sujeitou [em ou na esperança],”

Paulo personifica a criação, recurso de linguagem muito utilizado pelos autores do Antigo Testamento (Sl 96.11). Agora Paulo faz três declarações acerca da criação, relacionadas, respectivamente, com o passado, futuro e o presente.

Primeiro diz que a criação foi submetida à futilidade ($\mu\alpha\tau\alpha\iota\omicron/\tau\eta\phi\mu\alpha\tau\alpha\iota\omicron>\tau\epsilon\sigma$ = vácuo, nulidade, frustração na obtenção de um resultado) significando que no tempo presente nenhuma parte da criação cumpre completamente o propósito original de Deus. Esta menção do passado é com certeza uma alusão ao juízo de Deus, que recaiu sobre a ordem natural após a desobediência de Adão. A terra foi amaldiçoada por causa dele (Gn 3.17).

O apóstolo deixa implícito que quem sujeitou a criação à futilidade, não foi nem Satanás nem Adão, como sugerem alguns comentaristas, mas Deus quem função do pecado do homem, amaldiçoou o universo físico, e que também pelo fato de ser Salvador, além de Juiz, deixou uma ESPERANÇA (Gn 3.15 [PROTOEVANGELHO, ou primeiro evangelho]) para este mundo sob maldição. O contexto indica que essa esperança será concretizada.

8:21

“[Na esperança] de que também a própria criação será libertada do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.”

Paulo afirma que a própria natureza criada será libertada. A palavra esperança ($\epsilon\omicron\lambda\pi\iota/\phi\epsilon\lambda\pi/\sigma$) é o pivô que permite a Paulo voltar-se do passado para o futuro da criação. Esta não permanecerá em sujeita à frustração para sempre – Deus o prometeu. Um dia ela viverá um novo começo, que o apóstolo define como libertação ou liberdade ($\epsilon\omicron\lambda\epsilon\upsilon\theta\epsilon\rho\iota/\alpha\epsilon\lambda\epsilon\upsilon\tau\eta\epsilon\rho/\alpha$) que terá dois aspectos.

O primeiro refere-se à libertação do processo de decadência ($\phi\theta\omicron\rho\alpha>\pi\eta\tau\eta\omicron\rho\alpha$ =deterioração, decomposição, corrupção) ao qual a criação está ligada. Apesar de a natureza revelar a mão do criador através da manifestação de



maravilhosa beleza e complexidade, ainda assim, ela continua sujeita à desintegração e frustração.

O segundo aspecto da libertação da criação é que esta implicará na participação da criação no processo de glorificação dos filhos de Deus, ou seja, ela será arrancada da corrupção para a incorrupção, da sujeição para a liberdade, da decadência para a glória.

Esta esperança de que a própria natureza será renovada é parte integral da visão profética da era messiânica do Antigo Testamento especialmente nos Salmos e em Isaías (*“Desde a antigüidade fundaste a terra, e os céus são obra das tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás; todos eles, como um vestido, envelhecerão. Como roupa os mudarás, e os atirarás fora”* Sl 102. 25-26; *“Vede, eu crio novos céus e nova terra. Não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão”* Is 65.17; *“Como os novos céus e a nova terra, que hei de fazer, estarão diante da minha face, diz o Senhor, assim há de estar a vossa posteridade e o vosso nome.”* Is 66.22; *“Morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará; o bezerro, e o filho de leão e o animal cevado viverão juntos, e um menino pequeno os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, seus filhos juntos se deitarão, e o leão comerá palha como o boi. Brincar a criança de peito sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco.”* Is 11.6-8; *“O lobo e o cordeiro se apascentarão juntos, e o leão comerá palha como o boi, mas o pó será a comida da serpente. Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor.”* Is 65.25). **Os autores do Novo Testamento não se referem aos detalhes dessa época. Mas o senhor Jesus falou da regeneração do mundo quando Ele vier** (*“Respondeu-lhe Jesus: Em verdade vos digo que vós os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel.”* Mt 19.28). Pedro falou da **restauração (apokatastasis) de todas as coisas** (*“Convém que o céu o contenha até os tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio.”* At 3.21).

8:22

“Sabemos que toda a criação geme como se estivesse com dores de parto até agora.”

A terceira afirmação de Paulo acerca da natureza relaciona-se com os gemidos ($\sigma \upsilon \sigma \tau \epsilon \nu \alpha > \zeta \omega \sigma \upsilon \sigma \tau \epsilon \nu \alpha > \zeta \theta 4$) expressos pela mesma. Esses gemidos não são sintomas de desespero. Pelo contrário, são como as dores de parto, pois denotam a vinda iminente de uma nova ordem. Na literatura apocalíptica judaica os sofrimentos de Israel eram muitas vezes



chamados de “os ais do Messias” ou “as dores de parto da era messiânica”. Isto é, eles eram vistos como o doloroso prelúdio da chegada vitoriosa do Messias. O próprio Senhor Jesus usou essa expressão no seu discurso apocalíptico (“...*princípio das dores...*” Mt 24.8). Às dores de parto seguirão as alegrias do nascimento. O universo não será destruído, mas sim libertado, transformado e inundado da glória de Deus.

8:23

“Não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, aguardando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo.”

8:24

“Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera?”

Não fomos salvos “pela esperança”, mas “em esperança” (a melhor tradução). A salvação outorgada no passado, a salvação agora em posse, se caracteriza pela esperança, sendo um “ingrediente” inseparável da salvação possuída. A salvação nos chegou a nós “com uma promessa de mais a seguir”. A salvação que o crente agora possui é incompleta; e isto deve se refletir na ardente expectativa que crente possui acerca da sua ADOÇÃO e REDENÇÃO DO CORPO. A salvação que o crente tem agora jamais pode estar divorciada dessa MARAVILHOSA PERSPECTIVA que a nossa esperança subentende.

8:25

“Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência (ὁ ἕρως ἡ ἐπιμονή / ἡ ἐπιμονή = lit. ficar em baixo de) o aguardamos”

A paciência consiste em PERMANÊNCIA e CONSTÂNCIA; Descreve a atitude à qual a esperança nos constrange. O crente confia nas promessas que Deus lhe deu, ele crê que depois dos primeiros frutos virá a colheita e a decadência à incorrupção. Os crentes vivem “num intervalo”, entre as dificuldades presentes e glorioso destino futuro, entre os sofrimentos e a glória. A expressão “fomos salvos em esperança” resume tudo isso. E nessa tensão a postura correta do cristão é a de esperar: esperar “ansiosamente” (v. 23, cf 19) com pura expectativa e aguardar “pacientemente”, suportando com firmeza as provações. O cristão não pode esperar com tal ansiedade que o faça perder a paciência e nem com tanta paciência que o faça perder a esperança.



8:26

“Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste (σ υ ν α ν τ ι λ α μ β α > ν ο μ α ι sunantilambanomai = lit. agarrar no lado para ajudar) **em nossa fraqueza; porque não sabemos** (ο ι] δ α ο ι δ α = lit. perceber com os sentidos) **orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede** (ε ο ν τ ο γ ξ α > ν ω entugchanō = lit. pedir por uma pessoa) **por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis** (α) λ α > λ η τ ο π alalētos = lit. sem fala).”

Nesse tipo de oração, é o Espírito em nós que ora, e Sua mente é lida de imediato pelo Pai, a quem a oração é dirigida. O Espírito conhecendo a nossa incapacidade de perceber as nossas verdadeiras necessidades, “nos agarra pelo lado” e Ele mesmo passa a interceder por nós diante do Pai. John Murray afirma que o cristão tem dois intercessores divinos: O Senhor Jesus nas cortes celestiais e o Espírito nos corações dos crentes.

8:27

“E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos.”

Deus Pai literalmente vê (perceber com os “sentidos”) os pensamentos do Espírito. A idéia aqui apresentada é que Deus quando sonda os corações dos seus filhos, descobre gemidos inexprimíveis.

8:29

“Porquanto aos que de antemão conheceu (proginoskw *roginosko*=lit. conhecer de antemão), **também os destinou para serem conformes** (summorfov *summorphos*= imagem, figura, semelhança) **à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.”**

O apóstolo nos introduz aqui O ETERNO CONSELHO DE DEUS pertencente ao seu povo e delinea vários aspectos desse conselho.

Primeiro: Deus nos conheceu de antemão. Conhecer de antemão (*proginosko*) deve ser traduzido pela perspectiva hebraica do verbo. Em hebraico (conhecer [(δ Α ψ Φ ψ α 4 δ { α] tem um significado que vai além do mero ato cognitivo; é usado em um sentido quase sinônimo de “amar”, considerar com afeto, conhecer com interesse peculiar, conhecer de um modo relacional ou empírico (“De todas as famílias da terra a vós somente **conheci** ...” Am 3.2; “E atentou Deus para os filhos de Israel e **conheceu-os** Deus.” Ex 2.25; “Porque o SENHOR **conhece** o caminho dos justos; mas o caminho dos ímpios perecerá.” Sl 1.6).



Segundo: Deus nos predestinou (proorizw *proorizo*= preordenar, designar de antemão). Esse amor com o qual Deus nos distinguiu, implicou no estabelecimento de um plano, não um plano qualquer, mas um sublime plano – “para serem conformes à imagem de Seu Filho”. Esse foi o plano estabelecido por Deus para os eleitos, isto é, a conformação com o Filho em todos os aspectos, englobando não somente o caráter, mas também a herança incorruptível de um corpo glorificado.

O título “Filho” refere-se a Cristo na qualidade de unigênito, e, deste modo enfatiza-se a filiação singular e eterna. “A fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos”. O termo primogênito (*prwtotokov prototokos*), reflete a prioridade e a supremacia de Cristo (Cl 1.15,18; Hb 1.6; Ap 1.5). Portanto o povo de Deus foi classificado como “irmãos de Cristo” (“Porque, assim o que santifica como os que são santificados, são todos de um; por cuja causa não se envergonha de lhes chamar irmãos, dizendo: Anunciarei o teu nome a meus irmãos, cantar-te-ei louvores no meio da congregação.” Hb 2.11,12) e esse aspecto fraternal do nosso relacionamento com Cristo exemplifica que grau de intimidade Deus deseja ter com seu povo e a sobreexcelência da dignidade concedida pelo Pai.

8:30

“E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.”

Os dois versos anteriores abordam o ETERNO e PRÉ-TEMPORAL conselho de Deus. O “propósito” do verso 28 é explicado no verso 29. O verso 30 introduz-nos na esfera de TEMPO e indica as ações pelas quais o eterno conselho de Deus é efetivado.

Três atos são aqui mencionados: CHAMADA, JUSTIFICAÇÃO E GLORIFICAÇÃO. Há um vínculo entre esses três atos e os dois elementos do eterno conselho de Deus (conhecimento [do ponto de vista hebraico] e predestinação). É, portanto contrário às Escrituras considerar qualquer elemento da nossa redenção excluindo a AÇÃO ou ATIVIDADE DIVINA.

A sequência apresentada por Paulo representa a ordem certa no processo da redenção. A glorificação diferentemente da chamada e da justificação, pertencem ao futuro, mas no texto o tempo verbal utilizado é o AORISTO (passado) evidenciando a absoluta certeza do apóstolo na realização desta etapa da salvação na vida dos crentes, fato este classificado por teólogos como PRESENTE PROFÉTICO. O objetivo do apóstolo era o de encorajar e consolar a igreja em virtude de tantas provas experimentadas e Paulo inspirado pelo Espírito Santo



atinge sua meta ao expor o panorama da redenção o qual se estende do amor de Deus, ANTES DOS TEMPOS ETERNOS, até a GLORIFICAÇÃO, colocando os *sofrimentos do tempo presente* em sua verdadeira perspectiva, ou seja, “circunstâncias da peregrinação” e pré-condições da glorificação.

8:31

“Que diremos, pois, diante dessas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?”

8:32

“Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará juntamente com ele, e de graça, todas as coisas?”

Paulo menciona a mais conclusiva prova da graça de Deus, na forma de um argumento maior para o menor.

“Aquele que não poupou seu próprio Filho...” Diversas verdades devem ser notadas: (1) a pessoa da deidade é Deus Pai. (2) *“Seu próprio Filho”* significa que não existe outro que mantenha esta mesma relação para com o Deus Pai. Deus possui muitos filhos por adoção. Mas as Escrituras não permitem qualquer confusão entre a filiação do Unigênito e a dos adotados. Esta é uma filiação eterna, incomparável e inefável. (3) O Pai não poupou o seu próprio Filho. Os pais poupam seus filhos, quando não infligem a plena medida do castigo que eles merecem. Os juízes poupam os criminosos quando não pronunciam a sentença proporcional ao delito praticado. Em contraste Deus Pai não agiu assim. Ele não suspendeu nem aliviou um pouco sequer da completa dose de juízo executado contra seu Filho amado e unigênito. Não houve qualquer alívio na punição, pois *“ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar”* (Is 53.10). (4) Na tolerância do que esteve envolvido no ato de não poupar, não houve suspensão do relacionamento subentendido nas palavras “seu próprio Filho” e, conseqüentemente, não ocorreu suspensão do amor que este relacionamento dá a entender. (5) *“Antes o entregou por todos nós”*. Foi por nossa causa que Jesus foi entregue. A maior dádiva do Pai, o maior presente que nos foi concedido não consistiu de coisas. Não foi a chamada, nem a justificação, nem mesmo a glorificação. Tampouco se trata da segurança. Mas o DOM INDIZÍVEL e INCOMPARÁVEL da ENTREGA DE SEU PRÓPRIO FILHO. Tão grande é essa dádiva, tão maravilhosas são as suas implicações, tão amplas são as suas conseqüências, que todas as demais graças de menores proporções, com certeza nos serão dadas gratuitamente. (6) *“Como não nos dará juntamente com ele, e de graça, todas as coisas?”*. Qualquer outra graça deve seguir e vir juntamente com a



possessão de Cristo, já que Jesus é a suprema expressão e materialização da dádiva gratuita de Deus a nós.

8:33

“Quem tentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica.”

Paulo utiliza mais uma vez na carta um termo forense ($\epsilon\theta\gamma\kappa\alpha\lambda\epsilon/\omega\epsilon\gamma\kappa\alpha\lambda\epsilon>04==$ *acusação*) para ilustrar uma verdade espiritual. O argumento de Paulo é que nenhuma acusação pode ser levada a termo, uma vez que Deus, nosso juiz, já nos declarou justos. O diabo nunca cessa de impor acusação contra nós, pois seu título, *diabolos*, significa “difamador” ou “caluniador”, e ele é chamado de “o acusador de nossos irmãos” (Ap 12.10). Como o Senhor nos justificou nenhuma das acusações tem condições de subsistir. O apóstolo certamente está fazendo eco às palavras do Servo de Isaías 50.8-9: *“Perto está o que me justifica. Quem contendêrã comigo? Compareçamos juntos! Quem é meu adversário? Chegue-se para mim!” É o Senhor Deus quem me ajuda. Quem há que me condene? Todos eles como vestidos se envelhecerão; a traça os comerá.”* Portanto quando Deus justifica uma pessoa, todas as acusações perdem imediatamente sua validade.

8:34

“Quem os condenará? Pois é Cristo quem morreu, ou antes quem ressurgiu dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós.”

Não há dúvida alguma que há muita gente que gostaria de nos condenar. Às vezes o nosso próprio coração nos condena. Para não falar dos nossos críticos, nossos detratores, nossos inimigos e todos os demônios do inferno.

Mas todas essas condenações são fadadas ao fracasso. E por quê? Por causa de Cristo Jesus. Como se os salvos estivessem pulando de uma rocha para outra, o apóstolo passa do amor do pai para o do Filho. Paulo nos fornece quatro elementos centrais na obra redentora de Cristo que são apresentados como garantia de que coisa alguma pode separar-nos do amor dEle.

“É Cristo Jesus quem morreu”. A brevidade que há neste ponto chama a atenção para a estupenda significação da morte de Cristo, o fato de que Jesus morreu é tão importante, que a simples declaração convoca-nos a ponderar sobre suas implicações.

“Ou, antes, quem ressurgiu”. As palavras “ou, antes” tem a função de salientar que o fato de que, à parte da ressurreição, a morte de Cristo não teria



proveito para cumprir as finalidades exposta neste texto. É na qualidade de Senhor vivo que Ele garante a segurança dos que Lhe pertencem.

“O qual está à direita de Deus”. Repetição do salmo 110.1: *“Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te a minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés”*, além de um eco de Isaías 52.13: *“Eis que o meu servo procederá com prudência; será exaltado e elevado e será mui sublime”*. Cristo foi supremamente exaltado, e “à direita de Deus” indica a soberania e domínio nos quais ele foi investido, a glória com a qual Ele foi coroado (na antiguidade o assento à direita do rei era um lugar de honra o qual denotava PARTICIPAÇÃO NO PODER REAL (COM AUTORIDADE EXECUTIVA, ISTO É, TAL PESSOA AGE COMO O PRÓPRIO SOBERANO) E NA GLÓRIA DO SOBERANO. O apelo do apóstolo à glória exaltada, à autoridade e ao domínio está diretamente relacionado à certeza da segurança que pertence aos que “estão em Cristo”. Posto que Ele tem toda a autoridade nos céus e na terra, nenhuma circunstância adversa ou poder hostil é capaz de arrancar-Lhe das mãos o seu povo ou separá-lo do seu amor. John Bunyan uma vez escreveu sobre essa certeza de salvação garantida por Cristo: “...Um dia quando passeava pelo campo, sentindo alguns golpes na consciência, temendo que algo estivesse errado, de repente caiu sobre minha alma esta sentença: A tua justiça está no céu. E quando pensava em sair, vi, com os olhos da alma, Jesus Cristo à direita de Deus. Eis ali minha justiça...”.

“E também intercede (ε ο υ τ υ γ ξ α > υ ω ε υ τ υ γ χ η α > υ ο 4 = lit. pedir ou interceder por alguém) **por nós”.** (I Jo 2.1; Hb 7.25; Is 53.12). Aqui está em foco a atividade sumo-sacerdotal de Cristo (Hb 2.18; 4. 14-16) com ênfase no seu ministério celestial.

8:35

“Quem nos separará do amor de Cristo? a tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?”

O “amor de Cristo” aqui certamente refere-se ao amor de Jesus por seu povo, e não ao amor dos crentes para com Ele. As provas citadas neste verso revelam as circunstâncias adversas em que a peregrinação dos santos de Deus é moldada.

Aflicção (θ λ ι / ψ ι φ τ η λ / % π σ ι σ = lit. pressão): Refere-se às dificuldades externas que assaltam o crente.

Angústia (σ τ ε υ ο ξ ω ρ ι / α σ τ ε υ ο χ η ο 4 ρ / % α = lit. lugar estreito): Metaforicamente representa o oposto do estado de alegria que é representado comumente por um lugar espaçoso.

Perseguição (δ ι ω γ μ ο / φ δ ι ο 4 γ μ ο > σ).

